

O FUTEBOL PELOTENSE NOS ANOS 1930: OS IMPACTOS SOCIAIS/RACIAIS DA PROFISSIONALIZAÇÃO

CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ¹; BEATRIZ ANA LONER²

¹Universidade Federal de Pelotas – christian_mackedanz@hotmail.com

²Universidade Federal de Santa Maria – bialoner@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir as mudanças ocorridas no futebol pelotense na década de 1930 e as implicações delas em relação à presença de negros nos principais clubes, deste esporte, da cidade. Esta temática será amparada pela História Social e, principalmente, pela História Cultural.

Em relação aos aportes teóricos, Hofbauer (2006) faz um histórico do racismo na sociedade ocidental, mostrando que ele era usado no século XVI como um destaque para linhagens de reis e bispos e apenas após a segunda guerra mundial é que ele começará a ter questionamentos sérios mesmo no meio intelectual. Mas a sua consideração que mais interessa a esse trabalho é a de que o paternalismo dominava as relações políticas no Brasil e que a presença do racismo nessas terras ocorre atrelada a esta estrutura de poder. Neste mesmo raciocínio, mas indo além, GUIMARÃES (2005, p. 14) comenta que a ordem sobre a qual se fundou a sociedade escravocrata no Brasil “não foi inteiramente rompida, nem com a Abolição, nem com a República, nem com a restauração democrática do pós-guerra, tampouco com a República Nova”.

É preciso também comentar como a historiografia tem tratado o fenômeno da escravidão no Rio Grande do Sul. Al-Alam (2008, p. 38-41) considera a existência de três grandes correntes. A primeira tentou demonstrar que aqui a escravidão era mais branda, a segunda, como resposta, denunciou a horrenda realidade dos escravizados, mas acabou por condicionar a capacidade de revolta dos mesmos ao uso da força, tratando-os nos demais casos como vítimas. Já a terceira corrente tenta superar o enrijecimento dessa última, e reconhecem a adaptação e apropriação de signos culturais impostos, também, como uma ferramenta de luta. Meu trabalho dialoga com esta terceira vertente. Mesmo que não seja mais dentro do ambiente da escravidão, no pós-abolição o negro segue lutando contra o racismo, e é fundamental perceber que essa luta é muito mais complexa do que a exclusiva confrontação pela violência física.

Sobre a questão da exclusão social, um tema central nesta pesquisa, Thompson (1998, p. 13-20) fala sobre como as camadas superiores procuram manipular a cultura popular, dizendo que a cultura conservadora recorre a costumes tradicionais e procura reforçá-los através da força, do ridículo, da vergonha e da intimidação. É com este olhar que estudarei a tensão entre a tentativa da elite de manter a prática do futebol restrita e o interesse de participar dos negros.

Do ponto de vista teórico, para entendermos o futebol, enquanto fenômeno social/cultural, é fundamental levar em conta as considerações de DaMatta (1994, p. 12-17). Entre várias colocações, a mais importante para este trabalho é que, apesar de no contexto capitalista o futebol reforçar valores burgueses, no Brasil do século XIX, marcado pelas hierarquias, pela escravidão e pelo clientelismo, o futebol mostra sua capacidade de agir como um formidável código de integração social, de possibilitar ao povo pobre a experiência da vitória, de permitir que os brasileiros experimentem a experiência da igualdade e da justiça, através das

regras do esporte, e de propiciar a alternância entre vencedores e perdedores, característica da democracia.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa foi desenvolvida através de uma análise qualitativa de fontes escritas de fotografias e de algumas fontes orais, usadas estas últimas, apenas de forma indireta. Sobre a análise das imagens, é importante explicitar que, conforme Mauad (1996, p. 75-83) a fotografia não é uma mera reprodução da realidade, mas uma elaboração do vivido e, por isso, ela não só informa, como conforma uma visão de mundo. Além disso, foi observado o critério de seleção de não se misturar diferentes tipos de fotografia, sendo todas as usadas de jogadores perfilados, formando uma equipe.

Em relação às fontes escritas Elmir (1995, p. 21) aconselha que deve ser feita uma leitura metódica, exaustiva do jornal. Espig (1998, p. 274) alerta para a necessidade de que seja feita uma crítica interna ao conteúdo jornalístico, não usando-a como uma fonte precisa. Nesse sentido, Loner (1998, p. 14) coloca que o jornal Opinião Pública, utilizado nessa pesquisa, no contexto da República Velha, era respeitado, tinha clientela e permitia que qualquer grupo com capital suficiente veiculasse seu projeto, sendo um importante difusor de ideias naquele contexto.

Outro jornal utilizado, o *A Alvorada*, foi fundado por trabalhador, a maioria negros, e foi o principal veículo de informação, defesa e protesto da comunidade negra e da classe operária pelotense (SANTOS, J. A. IN: LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.), 2010, p. 13).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se as primeiras décadas do século XX ficaram marcadas pela ausência de negros nos principais clubes da Liga Pelotense de Football¹, nos anos 30 ocorreu uma gradual aceitação. Um primeiro indício de contato entre as organizações é o fato de que, pelo menos em 1931, partidas da Liga José do Patrocínio eram disputadas nos campos do G. S. Brasil e do E. C. Pelotas². Porém, a motivação para o uso do espaço podia também ser muito mais comercial (estádio maior) do que qualquer outra. Pelo menos a disponibilidade parece indicar um avanço.

Outro possível evento que pode ter facilitado a aproximação no futebol, foi a realização de jogos anuais entre Brancos e Negros³.

Após estas considerações, será analisada como foi a repercussão desse momento de inclusão do negro, na década de 1930, nos três clubes que hoje são considerados, talvez por serem os únicos a terem sido campeões estaduais, os principais da cidade: o Farroupilha, o Brasil e o Pelotas.

O Grêmio Atlético Farroupilha, fundado por militares em 1926, com o nome de Grêmio Atlético 9º RI (regimento e Infantaria), formava equipes compostas predominantemente por militares, normalmente trazendo bons jogadores de diferentes cidades da região sul para prestar serviço militar em Pelotas. Quanto ao preconceito no clube, Rigo (2004, p. 154-155) coloca que, segundo Seu

¹ Sobre essa questão ver Loner (1999), Rigo (2004) e Mackedanz (2014).

² Ver as matérias do *A Alvorada* de 6 de dezembro de 1931 (p. 3) e 27 de dezembro de 1931 (p. 3).

³ Ver a matéria do *A Opinião Pública* de 27 de outubro de 1927 (p. 1). Não foi encontrada nenhuma repercussão da partida nas matérias seguintes, para ser avaliado se a iniciativa aproximou-os ou até se os distanciou, com o surgimento de uma rivalidade.

Plácido⁴ “no Farroupilha jogava de qualquer cor, porque soldado tinha preto, branco, tinha amarelo, tinha de tudo que era cor”.

O fato de não ter ocorrido nenhum atrito neste clube, pode se dever também ao ano de fundação, quando a exclusão já não era tão hegemônica. No caso dos outros dois clubes, os contrastes nas reações de ambos foram grandes. A diferença de data entre elas é de apenas um ano e fica clara a diferença étnica nos plantéis. Enquanto quase a metade do time do G. E. Brasil era composto por jogadores negros⁵, no S. C. Pelotas a equipe continuava branca.



Imagem 1: S. C. Pelotas, Campeão Estadual em 1930 (Revista Esporte Clube Pelotas 90 anos: 1908-1998. 1998, p. 10).



Imagem 2: G. S. Brasil, Campeão Pelotense em 1931 (Opinião Pública, 25/12/1931)

Se no G. E. Brasil, já a partir dos anos 20, havia alguns jogadores negros, se fortalecendo essa presença ao longo dos anos de 1930 (RIGO, 2004, p. 152), no E. C. Pelotas é percebida uma resistência maior, afinal, conforme Alcides de Moraes⁶, “no Pelotas foi só um pouco depois que eles começaram a jogar. Até então, pode ver no pavilhão do Pelotas: só se vê branco. Em 38 já tinha o Dirceu jogando, que era um mulato”. (RIGO, 2004, p. 153)

⁴ Entrevistado pelo autor citado em 1999.

⁵ É importante destacar que na foto do G. E. Brasil é possível perceber que há ainda certa “distância” entre negros e brancos. Com exceção de um que está agachado bem à direita, os demais negros estão de pé, agrupados atrás (além de um menino branco). Este aspecto pode demonstrar que, apesar da aproximação, entre os jogadores a cor da pele ainda podia ser um elemento de aproximação/afastamento.

⁶ Entrevistado pelo autor citado em 1999.

Apesar de todas essas peculiaridades de Pelotas, é importante perceber que o fato da aceitação ter se intensificado na década de 1930 está conectado com um movimento nacional do período, que foi a profissionalização do futebol⁷.

Como DaMATTA (1997) muito bem observou, e já foi citado ao longo deste trabalho, se num ambiente predominantemente capitalista o profissionalismo pode ser questionado, naquele contexto social da república velha brasileira, em que a concepção escravocrata de sociedade teimava em sobreviver, o futebol foi um importante instrumento democrático. A profissionalização, naquela realidade, só aumentou a capacidade desse esporte de propiciar a ascensão e, principalmente, a inclusão social de indivíduos marginalizados, étnica e/ou economicamente.

4. CONCLUSÕES

Neste trabalho, foi possível perceber que a democratização do futebol, em se tratando de Pelotas, em alguns momentos repercutiu diversas tendências nacionais, como no caso dos anos de 1930; e em outros apresentou peculiaridades, como na relação do E. C. Farroupilha com os militares; do caráter precoce da aceitação de negros no G. E. Brasil.

Esta pesquisa pretende ampliar as possibilidades de discussão sobre este período histórico tão conturbado, mostrando que o futebol, longe de ser apenas um instrumento de alienação, propiciou, àquela sociedade marcada pelas hierarquias, pela herança escravocrata, uma experiência democrática, com regras simples que valem para todos os jogadores, brancos ou negros. Mesmo que a sociedade da época tenha tentado impedir alguns de entrar em campo, quando entraram, tiveram, mais cedo ou mais tarde, que ser tratados da mesma forma.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-ALAM, C. C. **A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)**. Pelotas: Edição do autor; Sebo Icaria, 2008.
- DA MATTA, R. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, nº 22, p. 10-17, jun/jul/ago 1994.
- FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- LONER, B. A. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) - UFRGS.
- LONER, B. A. Jornais pelotenses diários na República Velha. **Ecos Revista**, Pelotas, v. 2, n.1, p. 5-34, 1998.
- LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas, Ed. da UFPel, 2010.
- MACKEDANZ, C. F. **Esporte e exclusão: o negro no futebol pelotense (1925-1938)**. 2014. Monografia (Graduação em História) – UFPel.
- MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.
- RIGO, L.C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2004.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

⁷ Não será possível desenvolver aqui, mas sobre a profissionalização ver Loner (1999, p. 412-413), Franco Junior (2007, p. 75-76), Rigo (2004, p. 134-141), Filho (2003, p. 176).